

Vaivém do PSB confunde e preocupa petistas

Epitácio Pessoa/AE-22/1/98

Silvio Ribeiro/AE-26/5/96

Quando tudo parece certo, Arraes muda discurso e adia apoio a Lula à espera de novas adesões

LUÍZ AUGUSTO FALCÃO
e VERA ROSA

O PSB está deixando os petistas nervosos. Há muitas razões para o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, querer o apoio dos socialistas em sua campanha. Mas também há motivos de sobra para o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, presidente do PSB, transformar a adesão de sua legenda numa arastada negociação envolvendo as alianças nos Estados.

Às vezes, tudo parece acertado. Em outras horas, Arraes muda o discurso e adia a decisão do apoio a Lula, à espera de novas adesões, mais ao centro, para formar a chamada frente de oposição.

Numa semana em que as coisas pareciam caminhar bem para o PT — depois do acordo garantindo a vaga de vice na chapa de Lula ao PDT de Leonel Brizola —, o PSB empacou. Tinha uma ampla reunião marcada para quarta-feira, em Brasília, com dirigentes estaduais e nacionais, e dali poderia sair um aceno para a candidatura petista. Não saiu.

Indefinidos — “Nós ainda não temos posição definida”, justifica o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro (PSB). “Há no partido pessoas que apóiam Lula, outras que defendem Ciro Gomes (PPS), Sepúlveda Perence (ministro do Supremo Tribunal Federal) e a candidatura própria.” Célio chegou a articular o nome de Sepúlveda, mas o ministro não quer disputar com Lula. A possibilidade de aval a Ciro, isolado no pequeno PPS do senador Roberto Freire (veja matéria abaixo), também já foi descartada por Arraes.

Em Brasília, a planejada reunião ampliada do PSB resumiu-se a uma conversa de poucos dirigentes com parlamentares da sigla, além de um tête-à-tête entre Arraes e Brizola. O presidente do PDT saiu do Rio com a missão específica de tentar apagar o incêndio provocado por uma esperada ciúmeira política: os socialistas não gostaram de ver a vaga de vice do PT entregue aos pedetistas.

Arraes encerrou o diálogo dizendo não ter motivo para não apoiar Lula. “Não estamos atrás de vagas”, desconvendeu. “Nossa preocupação é com os problemas do País.” No dia seguinte, porém, ele já se encontrava, em São Paulo, com o ex-governador Orestes Quércia (PMDB) e retomava o discurso em defesa de uma aliança de centro-esquerda. Não necessariamente com Lula encabeçando a chapa.

No diagnóstico de Arraes, a esquerda precisa atrair setores do centro para enfrentar a candidatura do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Por isso, ele quer esperar a convenção nacional extraordinária do PMDB, no dia 8 de março,



Arraes: “Não estamos atrás de vagas; preocupação é com o País”

que vai indicar se o partido terá ou não concorrente próprio ao Palácio do Planalto. A hipótese é muito remota porque a maioria dos peemedebistas apóia a reeleição de Fernando Henrique.

“Não basta ser oposição”, sustenta Arraes. “É necessário ter um programa consistente de governo.” Depois da reunião com Quércia, o governador foi irônico ao comentar o anteprojeto para a plataforma de campanha das oposições, produzido por representantes de partidos de esquerda, entre eles o PSB. “Fizeram um papel que não tem sentido”, avaliou.

Preocupados com o vaivém de Arraes, o PT e o PDT estão fazendo um esforço concentrado para atrair o respeitável patrimônio eleitoral do PSB, que conta com 153 prefeituras no País e dois governos estaduais — o de Pernambuco e o do Amapá. Na terça-feira, um dia antes do encontro entre Arraes e Brizola, o mineiro Célio de Castro já havia almoçado com Lula, em São Paulo. O convite foi feito pelo presidente do PT, José Dirceu, que já conseguiu o apoio do PC do B à chapa petista.

Lógica — “Estamos condenados a sair unidos na eleição de outubro”, afirma Dirceu. “Não há lógica em não formar uma aliança com o PSB, até porque estamos juntos em vários Estados.”

As coligações regionais, no entanto, não têm sido tão fáceis assim. E não é só em Pernambuco. No Pará, por exemplo, o próprio PT está atra-

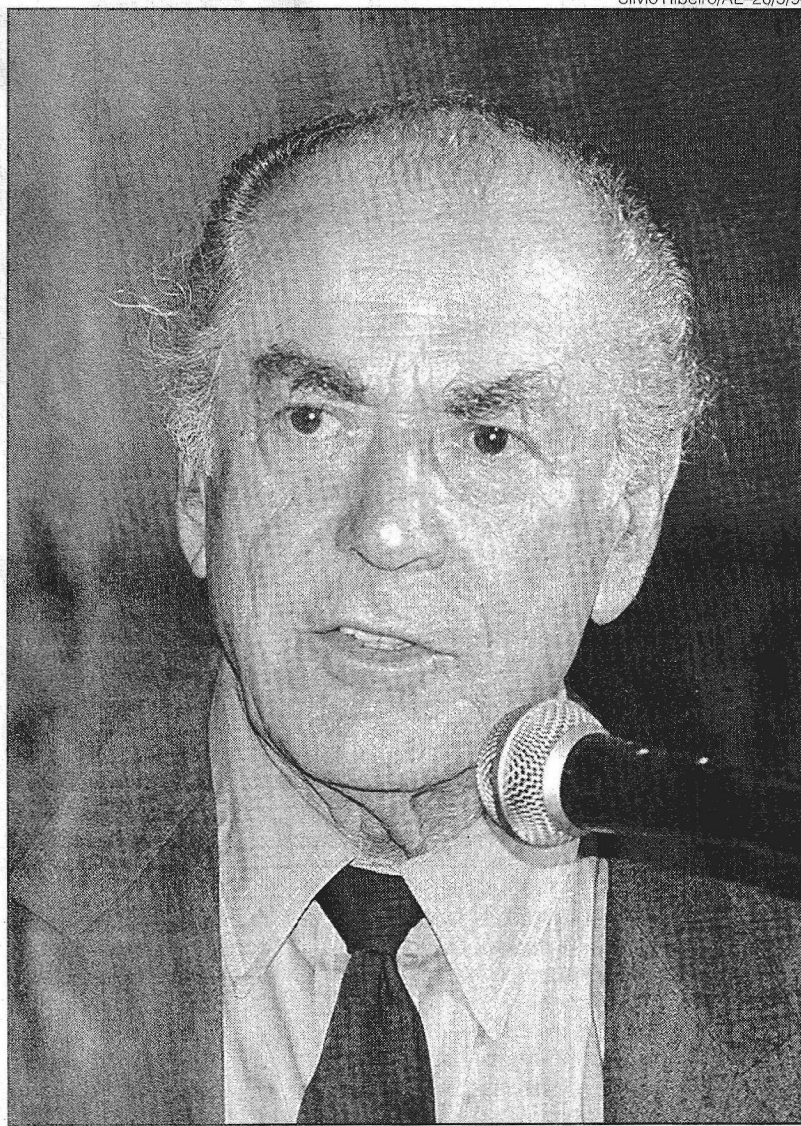
palhando uma aliança em torno do senador Ademir Andrade (PSB). Há duas semanas, as siglas de esquerda fizeram uma reunião que sacramentaria o nome de Andrade. O encontro foi adiado para fevereiro.

Radicais — Uma das razões é que as bases do PT — especialmente as facções mais radicais — preferem a vice-prefeita de Belém, Ana Júlia Carepa, e torcem para o senador retirar-se do páreo. “De jeito nenhum”, garante Andrade, que costuma ser vaiado nas reuniões pela esquerda petista.

No Amapá, o PSB do governador João Alberto Capiberibe, candidato à reeleição, ainda não conseguiu fechar acordo com o PT e o PDT. O partido de Brizola rompeu com Capiberibe em 1996 porque, entre outros motivos, o governador exonerou da administração os pedetistas que ocupavam cargos de confiança. Desde o rompimento, que levou junto parte do PT, os dois partidos planejaram combater os socialistas nas eleições deste ano.

O PT do Amapá está dividido em três grupos: o primeiro quer lançar candidato próprio, o segundo defende a coligação com o PDT e o terceiro, chamado de “palaciano”, trabalha pelo apoio a Capiberibe. Em termos de articulação política, os petistas estão com o cronograma atrasado: recentemente, a executiva regional decidiu procurar todas as legendas. Até hoje, só houve contatos com o PV e com o Partido dos Aposentados da Nação.

A dobradinha PT-PDT não vigora em Alagoas. Favorito nas pesquisas para a corrida ao Palácio dos Martírios, o ex-prefeito de Maceió Ronaldo Lessa (PSB) está tendo dificuldades com o PDT porque resolveu ceder a vaga de candidato ao Senado, reivindicada pelo partido, à deputada estadual petista Heloísa Helena.



Brizola: missão de apagar incêndio entre socialistas e petistas

Lessa agora tenta uma reconciliação com o PDT. Além disso, temendo perder apoios à direita, o ex-prefeito não vacilou ao ser perguntado, numa entrevista de rádio, se aceitaria a adesão do ex-presidente Fernando Collor. “Todo apoio é bem-vindo”, disse. “Resta saber se ele aceitará nosso programa de governo.”

Em Sergipe, a coligação com o PSB também não está certa. Embora o presidente regional do PDT, José Almeida Lima, abra mão de sua candidatura para tornar viável um acordo com os socialistas e os petistas, a cúpula do PT no Estado quer uma aliança com o PMDB do ex-prefeito de Aracaju Jackson Barreto.

O concorrente do PSB à sucessão do governador Albano Franco (PSDB) é o senador Antônio Carlos Valadares, mas Jackson está em primeiro lugar nas pesquisas. Caso não seja possível a formação de uma chapa única, incluindo o PMDB, o PT deverá escolher entre Valadares, Jackson ou candidatura própria, defendida por um grupo de parlamentares federais.

Chapão — No Amazonas, o PDT, aliado nacional do PT, ameaça apoiar o ex-prefeito de Manaus Eduardo Braga (PFL). O vereador pedetista Francisco Praciano, da comissão de ética do partido, afirma que não pode ficar ao lado de “quem atende aos interesses de Fernando Henrique”.

O recado tem endereço certo: Praciano refere-se ao deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM) e ao ex-governador Gilberto Mestrinho. Se o PDT

não voltar atrás, ficará de fora de uma ampla frente que reúne PSB, PT, PSDB, PMDB, PTB, PPS e PC do B para tentar evitar a reeleição do governador Amazonino Mendes (PFL). O candidato desse aliança é o ex-vereador Serafim Correia (PSB).

Resistências — No Rio, os socialistas tentam beneficiar-se da união entre o PDT e o PT para o governo, garantindo a vaga de senador na chapa. Um cenário parecido pode repetir-se no Rio Grande do Sul com a indicação de um nome do PSB para o Senado. A diferença é que, no Rio, a direção nacional do PT e Brizola querem que o prefeito de Campos, Anthony Garotinho (PDT), li-

dere a chapa ao Palácio das Laranjeiras, enquanto no Rio Grande do Sul está acertado que o candidato a governador será um petista — Tarso Genro ou Olívio Dutra.

Mesmo nesses dois Estados, onde há acordo à vista, existem resistências: no Rio, setores mais radicais do PT ainda brigam pela candidatura do ex-deputado Vladimir Palmeira. E no Rio Grande do Sul é o ex-governador Alceu Collares (PDT), um desafeto do PT, que ameaça opor-se ao entendimento. Na condição de principal aliado de Lula até agora, Brizola desembarcará em Porto Alegre (RS) amanhã para resolver mais uma intriga que pode pôr em risco a frente nacional da oposição.

■ Colaboraram Alcineia Cavalcante, Carlos Mendes, José Andrade, Kátia Brasil e Ricardo Rodrigues



**HÁ QUEM
PREFIRA CIRO
OU CANDIDATO
PRÓPRIO**